

Sugerida fórmula para a dívida

18 AGO 1988

As retaliações comerciais dos Estados Unidos contra o Brasil só mudarão quando vingar uma nova estratégia de renegociação da dívida externa brasileira. A persistir a atual sistemática de acordos de curto prazo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), nada autoriza supor que as relações entre os dois países sejam menos tensas. Ao contrário, sempre haverá pretextos — como a questão mais recente das patentes no setor farmacêutico — para novas confrontações, pois a atitude dos Estados Unidos é contraditória: força o Brasil a pagar a dívida, mas restringe o acesso a seu mercado.

Essa tese foi apresentada ontem pelo professor Werner Baer, da Universidade de Illinois (EUA), em palestra proferida na Faculdade de Ciências Econômicas, Contábeis e Administrativas da Universidade Mackenzie. Baer é um veterano em assuntos econômicos brasileiros e está otimista com a possibilidade de o Partido Democrata ganhar as eleições presidenciais em seu país. "Os democratas têm mais sensibilidade para o problema da dívida externa latino-americana do que os republicanos", considera Baer. Na sua opinião, deve ser criada uma nova organização internacional, com recursos dos países credores, que compraria a dívida junto aos ban-

cos privados, numa proporção de 10% ao ano. Isso permitiria aos devedores não pagar anualmente tanto quanto o fazem hoje. No caso do Brasil, em vez de pagar cerca de US\$ 11 bilhões de serviço da dívida, os recursos seriam empregados para investir, o que aumentaria as importações e diminuiria os protestos dos Estados Unidos.

NADA CONTRA FMI

Pela proposta do economista, os devedores ganhariam dez anos de carência para pagar juros e amortizações. Os bancos teriam uma receita garantida pelo pagamento de uma pequena parcela dos juros e os recursos para criar a

organização viriam de emissão de moeda pelos Bancos Centrais dos países credores. "Isso não causaria inflação, porque com o desconto que o mercado dá hoje sobre a dívida, não seriam necessários mais do que US\$ 22 a 25 bilhões por ano para recomprá-la."

Baer criticou a passividade de credores e devedores que insistem em negociar através do FMI. "Não tenho nada contra essa entidade, mas seus acordos servem apenas para o curto prazo", comentou o economista. A seu ver, os Estados Unidos não correm perigo de recessão a curto prazo e a alta das taxas de juro ajudará a controlar as pressões inflacionárias.